



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 28 de Novembro de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 984 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

As telhas do PATRIMÓNIO dos POBRES

● Numa encosta de vinhas, visitámos o casal Cunha com quatro filhos ainda pequenos. Vivem num quarto tão cheio de coisas que mal cabe um pé. Nos fins de semana, estão a construir mais dois, agora com a pequena ajuda do Património dos Pobres.

São as tuas telhas que rolam, encosta acima, e de mistura com os tons de Outono. Quando as árvores perdem os seus frutos, Deus lhes dá outras belezas. E, quem dera a tantas famílias terem a mesma paz, o gosto pela vida, o sonho alegre de mais dois quartos e, até, o sentido de viver!

— Façam também um quartinho de banho, que nós ajudamos. — Pedimos eu e Júlio Mendes.

Eles prometeram. Depois, foram só dois minutos pela rua estreita — e eis-

— nos na casa da Sr.ª Rosa. Entrámos na pequenina casa onde ela deu 10 filhos a Portugal. Com simplicidade — como quem faz o dever.

Convidou-nos a entrar num pequeno quarto com uma janelinha apodrecida e sem vidros por onde entra tudo. O marido está no leito, já não pode andar. É a Sr.ª Rosa que o cuida com todo o carinho e conforme pode.

Um dos filhos está reparando a casa. Atrasou o seu casamento e gastou nela as suas economias. Falta só uma placa e o conserto de portas e janelas.

Também do que tu mandaste, lá ficou o suficiente para que este bom filho termine um sonho lindo!, que é o compor a casinha de seus pais antes do seu casamento.

Vede onde está a verdadeira

beleza e alegria! Tanto, jovens a procuram nas boites e na droga e ficam destruídos e vazios para sempre...

A todos os Gaiatos, espalhados pelo mundo, peço não esqueçam a lição grandiosa que o filho da Sr.ª Rosa nos dá.

● Agora, a caminho de casa, por entre as ramadas silenciosas, medita comigo nesta verdade de Pai Américo: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres».

Só igreja com campanário, baptizado, casamento, enterro com cruz e opas — não faz comunidade cristã. Precisa ter vida de amor entre os irmãos; preocupação e serviço organizado para os Doentes e Pobres da comunidade. Deus não terá em conta as vestes de seda, o esplendor do templo e a grandeza das festas; mas o número de membros que tem a casa esburacada, ou com falta de alimentos e roupa.

Na pressa de chegarmos e de possuímos sempre mais... esquecemos os irmãos e passamos adiante em atropelo constante.

As nossas festas e romarias aos santos são uma ofensa a Deus — enquanto, na respectiva comunidade, houver uma

UMA CARTA

«Como vos hei-de pedir desculpa, não sei. Mais vale reconhecer o meu desmazelo e pedir perdão, pois estou sempre em dívida convosco pelo muito que me fazeis através da leitura de O GALATO. Mas o que não é desculpável é que eu esteja em dívida monetária. Sou assinante há vários anos, por vontade própria; por conseguinte, não devo proceder assim. Vou tentar emendar-me e ver se daqui para o futuro tenho as minhas contas em dia. Só vos peço: não deixeis de me enviar o Jornal!»

(...) Peço-vos uma oração por alma de meu pai — que se dizia ateu. No entanto, lia com toda a atenção O GALATO, de quem foi assinante e julgo que o era ainda à hora da morte, passada há dois meses.

P. S. — Há uns meses atrás fui abordada na rua Santa Catarina (Porto) por um rapaz com a idade aproximada de 15 anos, pedindo para a Casa do Gaiato. Fazia-se acompanhar de uns jornais que encostava ao peito. Vim a ver ser um semanário (editado no Porto). Chamei-o à ordem e o moço lá foi.

Há dias estava num café, na zona do Marquês de Pombal (Porto), vejo o mesmo rapaz e com os jornais na mesma posição. Abordou várias pessoas; umas deram, outras não. Quando chegou à mesa pegada à minha, a família que lá estava ia dar e eu nessa altura intervi.

Fazei saber com mais frequência e por todos os meios ao vosso alcance que os gaiatos não pedem...

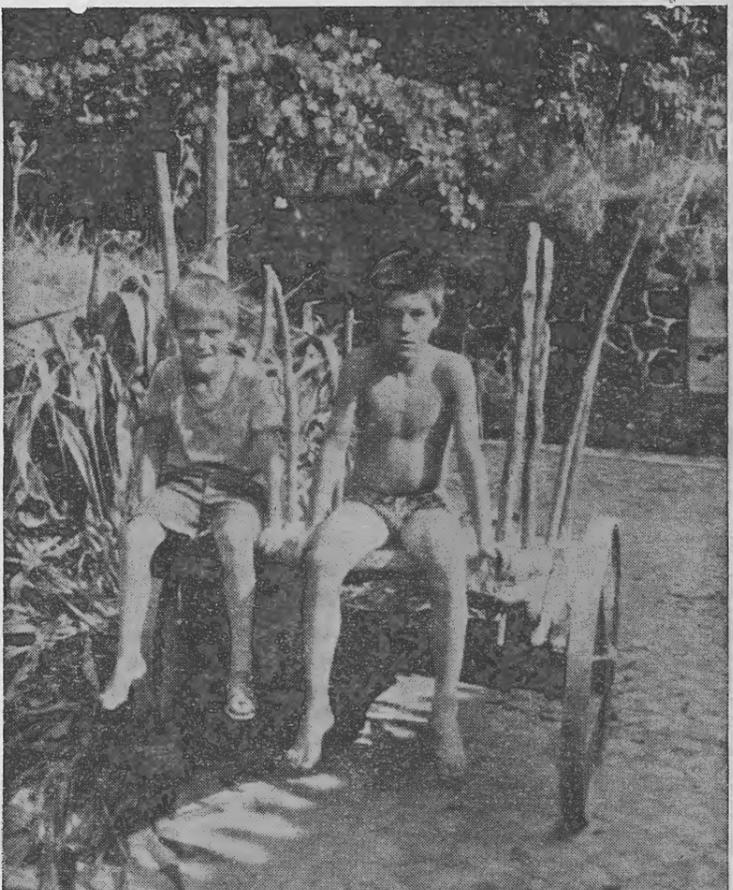
Assinante 29543»

N. da R. — Aqui fica o alerta da Assinante 29543, residente na capital do Norte. Seria bom, no entanto — como «os gaiatos não pedem» — os nossos Amigos terem a bondade de solicitar, no momento oportuno, a rápida intervenção de um agente da autoridade — para os devidos efeitos...

família a viver sem condições filhos de Deus; depois, a festa. ou com fome.

Primeiro, as pessoas — os

Padre Telmo



«O domínio do Homem sobre a Terra realiza-se no trabalho e pelo trabalho.»

Trabalho e Trabalhadores

O GALATO é lugar adequado à catequese social que a recente encíclica sobre o trabalho humano nos proporciona e a que nos estimula. Nascido para ser voz dos que não têm voz, exerce a sua missão, tanto denunciando «vergonhosas misérias» que afligem a Humanidade, como apontando os seus remédios, ao alcance dos homens se eles quiserem ouvir a Palavra de Deus e pô-la em prática. Por isso, uma vez

mais volto ao assunto das últimas quinzenas, convicto de que: nem será fácil esgotá-lo; nem será inútil se estas pobres reflexões encontrarem olhos de ver em almas ávidas de Justiça e de Paz.

O nosso Deus é Criador. O Homem, porque imagem Sua, é mandatado a re-criar, empenhando o seu engenho e o seu labor no domínio sobre a Terra.

Misteriosa bondade do nosso Deus que, a tal ponto considera e estima a criatura à Sua semelhança — inteligente, livre e também capaz de bondade — que lhe entrega o Universo em potência para que o Homem o sujeite pelo seu acto e goze, em todas as gerações, o progresso do seu senhorio! Mas esta posse, contínua e crescente, tem de efectuar-se

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

ESCOLA — Centro de educação e ensino, a Escola propõe-se assegurar um futuro digno, que faça dos estudantes Homens úteis à sociedade.

Prosseguem as aulas na Escola Primária, no Ensino Preparatório e na Escola Secundária. Relativamente à Primária e Telescola — em nossa Aldeia — tudo decorre normalmente. Não acontece o mesmo em relação ao Liceu, onde a falta de professores, de várias cadeiras, prejudica os alunos.

Numa família numerosa — como a nossa — onde toda a gente estuda, desde os «Batatinhas» ao chefe-maioral — e que desta forma procuram conquistar o seu lugar na sociedade — a Escola, repetimos, tem a máxima importância, pois dela depende a nossa realização. É isto que toda a gente deve saber, para que as condições do ensino sejam melhores e haja bom aproveitamento lectivo.

DESPORTO — De forma a tornar úteis os sábados à tarde — como já disse «Tirololó» na última edição — principiaram as actividades desportivas desta quadra.

No dia 15, houve um jogo de futebol entre a nossa equipa e um grupo excursionista de S. Martinho. Vencemos por 7-0. Embora o resultado seja de menor importância, o que interessa é o convívio.

Não desanimem por causa dos números, dos resultados! E venham sempre. Está certo? As nossas portas estão abertas a toda a gente — de norte a sul do País.

OBRAS — Devido à sua longa idade — mais de 30 anos — entrou em obras a nossa casa 1: pintura e caiação.

No entanto, já terminou a reconstrução da casa 3, agora muitíssimo mais confortável e funcional.

Que todos saibam estimar a moradia, muito importante na vida dos nossos rapazes.

NOVOS GAIATOS — Há novas caras em nossa Aldeia; novos gaiatos que deixaram seus lares desfeitos, refugiando-se em nossas mantas. Que eles vejam em nós sua família.

CONVÍVIO — Dia 7 de Novembro, sábado, houve um convívio entre os monitores do Centro de Formação Profissional do Porto e os chefes de secção de nossas oficinas. Principiou com um desafio de futebol, que perdemos por 6-5, e terminou com uma sardinhada e um saboroso caldo verde, em redor da casa da mata.

O encontro decorreu na maior alegria — como é evidente.

VISITANTES — Estamos no Outono, época de S. Simão e S. Martinho. Por isso, recebemos uma avalanche de Amigos que, de passagem para Urrô e Penafiel, nos visitaram — com pequeno desvio de rota. Este gesto faz-nos meditar na grandeza do vosso coração amigo. Venham sempre! Obrigado.

LAVOURA — É tempo de poda, de amarrar a terra para as semen-

teiras da Primavera e produtos hortícolas. Tudo feito a seu tempo, para termos boas colheitas.

CASAMENTO — Construir sua própria família sobre os alicerces do amor e fé em Deus — eis a ambição dos jovens.

No dia 8 de Novembro — como já foi dito na edição anterior — foi a vez de o Meno se unir à Emília pelos santos laços do Matrimónio.

Além das cerimónias religiosas, houve festa rija e muitos convidados.

Que a alegria reine sempre em vosso lar. E felicidades.

«Réguas»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A feliz habitante da casa Xai-Xai — Património dos Pobres — tem já energia eléctrica ligada à rede de distribuição pública.

Não vamos referir naturais dificuldades burocráticas, entretanto surgidas, mas superadas airosoamente.

Ai de nós se tudo fosse pautado, farisaicamente, mais pela letra do que pelo espírito da lei ou dos regulamentos! «A letra mata, o espírito vivifica» — adverte Pai Américo.

Ora bem, o primeiro autarca toma o caso em mãos, contorna dificuldades, despacha rapidamente — e vai muito além das marcas: isenta a pobre mulher, inclusivamente, d'encargos materiais pela baixada!

Ainda que seja uma excepção, não podemos deixar de sublinhar o facto, pela delicadeza d'alma que dignifica um servidor da Coisa Pública e, consequentemente, os Pobres. Na verdade — segundo um amigo nosso desabafa — «quem é investido na condução de negócios públicos nem sempre tem a humildade de descer aos Pobres». Não para subir na luta ou na cobiça de Poder; mas, cumprindo um dever de cargo, para se inteirar e procurar resolver, conscientemente, a problemática do Homem em toda a sua extensão ou dimensão — particularmente dos Pobres, dos Oprimidos, dos Sem-Voz. Tão actual o conselho de Paulo VI aos pés da Virgem-Mãe de Jesus, humilde Carpinteiro de Nazaré: — «Homens sede Homens!»

● A mulher é doente e o marido também. Dos cinco filhos do casal, o mais velho — que faleceu num acidente — era o sustentáculo do lar. Daí para cá a economia doméstica modificou-se, que os subsídios de baixa são diminutos. Por isso, temos botado a mão.

O homem terá de ser internado brevemente. Ela não anda melhor e desabafa uma ocasional falta de apoio a nível de Saúde Pública. Mas, vá lá, houve quem amenizasse o problema!

Como recoveiros dos Pobres, somos, também, seus confidentes. Horas cheias em quatro paredes de lares sofrendores; calvários que, paradoxalmente, são riqueza espiritual para nós outros! Na realidade, sentindo e vivendo, com discrição, os problemas ou carências dos Oprimidos — quantas vezes esmagados pela nossa incapacidade! — mais Força há para en-

carar outros que surgem pela vida fora.

Não há dúvida, os Pobres têm um sentido de Justiça muito apurado; ainda que, por lá..., sejam preteridos e sofram aparente resignação. Ou não são filhos do mesmo Deus e Senhor!?

● É uma santa mulher do Ribatejo que, da sua pobreza, repartiu, com heroicidade — durante anos e anos — algum pão verdadeiramente indispensável à sua subsistência.

Tem penado, desde sempre, em solidão, um calvário permanente — amenizado por Fé viva e consciente.

Escreve-nos, hoje, porém, mais angustiada:

«(...) Há meses que bato a tantas portas, por escrito. Inválida, como me encontro, só por escrito. Ninguém mexe uma palha!... Para aqui me encontro como um cão abandonado...

Soube, pela última radiografia, que o joelho direito está a corroer-se. Por isso, há meses que não posso estar sentada.

Depois de oito viagens a queimar dinheiro que faz falta para o alimento, é que consegui saber o que acusava a última radiografia. Não tenho cura! E só dívidas: quatro contos. Lágrimas incontáveis porque — já sabe — fui enjeitada pela família. E mais: um tumor no estômago, inoperável — dizem os médicos.

Já sofri hospital quatro vezes. Não querem a demora de doentes incuráveis e pobres! Em asilos não querem enfermos a sofrer 24 horas por dia!

Não há ninguém que se interesse em diminuir este calvário!

Não tenho quem me chegue uma sopinha. Sou eu, quase de rastos, que

a tenho de fazer. E há dias em que nem isso!

O médico disse, há duas semanas, que para eu poder andar alguns metros necessito de umas canadianas pois a bengala já não me aguenta... Umhas novas, na farmácia, custam 1.800\$00 o par...

Sofro até ao desânimo? Nem sei como ainda rezo o Terço todos os dias! Já fiz 70 anos...

Deus é Providente! Ele não deixa de compensar a mais pequenina doação aos Outros. Acudimos e acudiremos em Seu Nome — até como mero acto de Justiça cristã.

● A moradia tem já paredes exteriores calafetadas e divisões interiores erguidas, consoante o projecto. Até o próprio sótão é funcional: — «Aqui posso guardar batatas, cebolas, mimos do quintal...» — comenta, de novo, a feliz mulher, acariciando o filho mais novo que, depois, se acerca de nós com meiguice.

— «Vamos a ver s'a gente consegue fazer o principal da obra até à Natal! Será difícil. Os dias são mais pequenos. É só os fins de semana. Mas seja o que Deus quiser...» — torna ela a afinar, mais descontentada.

Enquanto um outro vicentino, jovem, mais adestrado em tecnologia de construção civil, dá sugestões à boa condução da obra, caminhamos em volta, pelos campos, pelo mato, por este oásis de calma — fora do grande mundo. O cantar da água pelas ravinas, a melodia das folhas agitadas pela brisa, o ar puro dos pinheiros e eucaliptos, a quase ausência de vizinhança fazem do lugar um autêntico paraíso! Invoca-

mos o nosso Deus e Senhor pela beleza da Natureza, pela obra em crescendo. Sem deixarmos de lembrar Pai Américo, com certeza radiante, por haver menos uma família no monturo, entre milhares e milhares pelo País fora. E como esta moradia é sinal que marca o 25.º ano da sua ida para o Céu, ele, o Pai Américo, não levará a mal que seja esculpida uma efeméride no cunhal da moradia. Até para que, amanhã, os vindouros saibam que este tecto só foi possível graças à acção de um Homem de Deus que se despojou de tudo e de todos — em prol dos Irmãos mais pobres. Estas acções são os monumentos, as estátuas que ele deseja e quer efectivamente. Ainda não propusemos a ideia; mas, decerto, a feliz ocupante rejubilará e santificará, mais e mais, sua igreja doméstica.

PARTILHA — Uma nota de ternura vem de Setúbal:

«Faleceu a minha querida companheira, um Anjo e uma Pérola que o Senhor me deu. Somente que eu soube estimar e acarinhar muito profundamente esta Pérola durante 44 anos, o que nem sempre acontece — como V. muito bem sabem. O Senhor recompensará, estou certo disso, pois creio profundamente no Senhor.

Assim, tomei a decisão de enviar um cheque para a construção da moradia ou para aquilo que julgarem mais útil, por alma de minha Mulher.»

Profunda vivência do Grande Sacramento!

Agora, presença habitual de «Uma portuense qualquer»:

«Junto a migalhinha, referente ao mês de Outubro, para ajuda das despesas da Conferência.

Foi mais um Dia de Fiéis Defuntos e eu envio um pouco mais por alma de meus Pais, pois coloquei umas flores simples nas suas sepulturas.»

Matosinhos, 500\$00 — e muita delicadeza cristã: «Desculpe ser pouco, mas sempre que possa mando mais». Coimbra, o mesmo «por alma de meus Pais». Remessa proveitosa de Vancouver (Canadá) e outra de Cernache (Coimbra).

Rua da Lapa, Lisboa, uma empregada doméstica partilha sempre do seu magro salário. E não só: também uma grande amizade e devoção por quem serve:

«Mando um conto para a Conferência. Rezaí uma Ave-Maria pela minha senhora que está muito mal. Se eu algum dia não puder mandar nada, é porque não posso. Queria ter sempre que dar e gostava de ter o pão-nosso-de-cada-dia. Seja o que Deus quiser.»

Dinheiro sagrado!

Alvide (Cascais):

«Aproveito para me desobrigar, pois recebi um aumento que, embora pequeno, me valeu bastante.

Este ano ainda só trabalhei um feriado (dia santo) e este dinheiro pertence aos Pobres. Como ainda faltam dois, pode ser que trabalhe



Casa do Gaiato do Tojal — «Russinho» e «Binaca» lavando o «Leão».



JANELA ABERTA

● O C. N. P. já detectou — e muito bem — «16.000 casos de pensionistas que recebiam mais de uma pensão em regime de acumulação. A detecção das referidas anomalias — provocadas sobretudo pelo desconhecimento dos beneficiários — foi possível através da informatização dos dados relativos aos pensionistas actualmente existentes em Portugal».

Estes indivíduos «não terão de repor as quantias recebidas ilegalmente». Por decisão oficial será posto «um traço sobre o passado». No entanto, até ao fim do ano, prevê-se que sejam provavelmente encontrados outros tantos «pensionistas que continuam a receber mais de uma pensão».

O seu a seu dono!

Ora bem, com tão apurada Cibernética seria altura de se procurar detectar omissões dos

pensionistas em requerimentos de reforma (motivadas por analfabetismo, incapacidade, lapsos...) no que se refere a capitalizações dispersas por várias Caixas, quando eles assinalaram no verbete só a última Caixa para onde descontaram... É evidente, mesmo que não se queixem... estão a ser prejudicados, tendo direito a uma pensão mais justa. Neste caso estão os Pobres, os Analfabetos... Di-lo a nossa tarimba!

Regozijamo-nos com a emissão do «cartão de pensionista», cuja operação será concluída até ao fim do ano; pondo cobro à exigência de apresentação da fotocópia do vale de correio da pensão em Postos Clínicos, o que tem gerado dificuldades entre os Pobres do meio rural.

Agora, uma pergunta inocente — noutra direcção: — Quando é que a Previdência

dos funcionários civis deixará de caminhar a passo de lesma? A espaçada organização de processos mortifica os Pobres, especialmente as Viúvas, como se vivessem de papéis...! Não falamos, já, dos problemas sociais que a demora de um, dois, três anos pode causar, até a desagregação das próprias Famílias. É que nem sempre se dá conta do Homem em toda a sua extensão...

● A senhora Gandhi denunciou perante a Conferência da FAO, em Roma, que o preço de um míssil intercontinental pode alimentar 50 milhões de crianças!

Eis a notícia, sem comentários:

«Pelo preço de um único míssil intercontinental — afirmou Indira Gandhi na Conferência da FAO — poderíamos plantar

200 milhões de árvores, irrigar um milhão de hectares, alimentar 50 milhões de crianças subalimentadas nos países em desenvolvimento, comprar um milhão de toneladas de adubos, criar um milhão de pequenas fábricas de biogás, edificar 65 mil centros sanitários ou 340 mil escolas primárias.»

Há poucas possibilidades de instaurar uma segurança alimentar mundial ou de delimitar a fome e a subnutrição se a partilha da riqueza não se fizer de uma maneira «mais harmoniosa, sem romper ou mudar bruscamente as leis naturais» — acrescentou.

Segundo Indira Gandhi, um dos maiores obstáculos à realização da segurança alimentar mundial reside na impossibilidade de organizar um comércio mundial de produtos agrícolas. E esclarece: «Quando as colheitas são boas, as cotações internacionais bai-

xam. Quando são más, o mercado é manipulado de tal maneira que os lucros vão para os negociantes e intermediários, que fazem um curto-circuito ao produtor. Os países fracos, sobretudo aqueles cuja economia assenta numa só cultura, limitam-se a constatar o seu défice nas trocas mundiais».

No caso específico da Índia, país com 683 milhões de habitantes, a senhora Gandhi demonstrou que o problema da fome não era «intransponível». Apesar de há dez anos se preverem défices alimentares para várias gerações, o ano passado conseguiram já satisfazer as necessidades alimentares normais da população, mesmo sofrendo uma grave seca que afectou 38 milhões de hectares em onze estados do país — declarou, por fim.

Júlio Mendes

mais algum. Vai alguma coisa mais, que Deus há-de ajudar. Portanto, do cheque junto para..., o restante é para os Pobres.

Impressionou-me imenso aquela família que anda a arranjar a moradia onde quer morrer. Tanta dignidade em gente tão pobre!»

É como diz!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

IMPRESSÃO DO CORVO

No passado dia 8, juntámo-nos em nossa Capela para celebrarmos o sacramento do Matrimónio de Manuel António e Rosa Maria, que decidiram unir suas vidas para uma vida conjugal.

O Manuel António deu entrada, muito novo, em nossa Casa, a quando das Colónias de Férias na Senhora da Piedade! Ele mesmo pediu ao sr. Padre Horácio o deixasse ingressar na Casa do Gaiato. Uma entrada tão simples, mas cheia de significado e de vida. Ele aparece hoje como um rapaz que soube aproveitar a oportunidade de se fazer homem... como muitos têm feito! Rapaz que sempre esteve disposto a ajudar os outros, com um coração forte e grande!

Na véspera do grande dia, para que a festa do Matrimónio fosse mais familiar e cristãmente mais alegre, purificámo-nos interiormente, através do grande Sacramento da Reconciliação (Sacramento da Misericórdia, da Bondade e do Perdão de Deus). É claro que também nos purificámos exteriormente, através de um banho fresquinho nos balneários.

Já na Capela (antes da cerimónia) o sr. Prior de Miranda do Corvo (em nome dos catequistas ausentes), disse uma palavrinha de esperança e de agradecimento ao novo casal, em virtude do Manuel António ter prestado bons serviços à Paróquia, como catequista. Outros catequistas estavam presentes, reforçando a ideia

de agradecimento. Esperemos que o Manuel António continue a dar testemunho autêntico de Cristo, na vida dele.

A presença do sr. Padre Peixoto também foi significativa, pois há muitos anos que vem a nossa Casa (sempre que pode), para atender de confissão quando é preciso (não obstante a sua saúde não ser satisfatória). Na sala de jantar, no final da boda, confortou-nos com uma palavra de amigo.

A sala estava cheia (de vida e de Amor)! E a comida não podia ser melhor.

Também é de salientar a simplicidade e o bom sentido com que o sr. Dr. Canha (padrinho de baptismo e de casamento do Manuel António) nos falou, no final da refeição. Palavras com sentido de esperança, aceitação, provenientes da admiração de vários testemunhos de vida, de entre os quais o do próprio afilhado!

O Dr. Canha havia muito tempo não via o afilhado. Só no ano passado ambos se encontraram e então renasceu a amizade entre eles.

Depois da boda, sr. Padre Horácio, convidados, Tonito e eu, fomos ver o novo lar do casal «recém-nascido». Uma casa bonita, que decerto irá ter aquela alegria e harmonia que todas deveriam ter. Deus queira que sim.

O sr. Padre Horácio benzeu o lar que, com certeza, irá ter alegria, tristeza, vida — amor. A partir daquele momento encheu-se de alegria: conversa, comida, prendas, etc....

À noite regressámos todos à base, onde a vida recomeçaria no dia seguinte.

Em nome da nossa Casa agradeço ao Manuel António o bom exemplo que procurou dar, tanto como chefe como depois da tropa.

Desejamos a Manuel António e Rosa Maria muitas felicidades ao longo da sua vida conjugal; que se saibam ajudar mutuamente em qualquer hora da vida e, sobretudo, que encham o seu novo lar de amor cristão.

Carlitos

Trabalho e Trabalhadores

Cont. da 1.ª pág.

«na linha daquela disposição original do Criador, à qual há-de manter-se, necessária e indissolivelmente ligada», pois, fora dela, o progresso será carregado de contradição e esvaziado da alegria que Deus deseja ao Homem.

De facto, é fora dessa linha — quantas vezes contra! — que muito de tal re-criação se tem processado. Por isso o Homem, embora cada vez mais senhor da Terra, ao se não tornar, concomitantemente, mais senhor de si, frustra o projecto divino e compromete a sua felicidade. Como a envenena o orgulho, o egoísmo, a ambição; a cegueira de cada um, ao querer intemperadamente para si, o que Deus quer para todos e a todos entregar com um destino de partilha!

«O domínio do Homem sobre a Terra realiza-se no trabalho e pelo trabalho.» E em dois sentidos — sublinha o Santo Padre — se há-de encarar o trabalho: um, **objectivo** — a técnica que o engenho do Homem tem inventado e nos dois últimos séculos conheceu um enorme e admirável desenvolvimento; o outro, **subjectivo** — que jamais permite deslocar o Homem da sua posição autêntica de sujeito e causa final do seu próprio trabalho. «Na verdade, embora chamado a trabalhar, antes de mais, o trabalho é para o Homem e não o Homem para o trabalho».

De resto, a própria técnica que objectiva e dá possibilidade, constantemente novas e mais amplas ao trabalho — não é «o trabalho do Homem, fruto do seu espírito investigador, da sua imaginação criativa, da sua saudável insatisfação?»; não é o pensamento humano que a vai gerando para aliada do Homem na produção dos bens que lhe são necessários ou convenientes?!

Porquê, então, se «há-de ela

transformar, de aliada, em quase adversária do Homem?», «como sucede: quando a mecânica do trabalho suplanta o mesmo homem, tirando-lhe todo o gosto pessoal e o estímulo para a criatividade e para a responsabilidade; quando tira o emprego a muitos trabalhadores, antes empregados; quando, mediante a exaltação da máquina, reduz o Homem a escravo da mesma máquina».

Cada vez mais frequentemente, somos postos perante a trágica demissão do Homem diante das suas criaturas. Uma mentalidade «materialista» e «economicista» fá-lo inverter a hierarquia dos valores, de modo que parece o Homem mais interessado na produção pela produção e pelo consumo do que na sua própria realização pessoal, na sua Paz interior e na Paz com os outros homens.

Ora «o trabalho, entendido como processo mediante o qual o Homem submete a Terra, não corresponderá a este conceito fundamental da Bíblia senão enquanto, em todo esse processo, o Homem se manifestar e se comprovar como **aquele que domina**». (...) «Não há dúvida nenhuma de que o trabalho humano tem o seu valor ético, o qual, sem meios termos, permanece directamente ligado ao facto de aquele

que o realiza ser uma pessoa, um sujeito consciente e livre. Esta verdade, que constitui a medula fundamental e perene da doutrina cristã sobre o trabalho humano, teve, e continua a ter significado primordial para a formulação dos importantes problemas sociais ao longo de épocas inteiras».

O trabalho não é, pois, «uma espécie de mercadoria» que se vende ao dono do capital; nem «uma força-anónima necessária à produção» de bens destinados à colectividade. Uma ou outra destas concepções reduz o trabalhador a um entre os outros instrumentos de produção. E elas resultam do empolamento da dimensão objectiva do trabalho relativamente à dimensão subjectiva — o que subverte a Ordem divina que estabeleceu o Homem Seu colaborador na Obra da Criação, «sujeito eficiente, verdadeiramente artificial e criador» dos bens cuja possibilidade Deus pôs na Terra para o Homem os transformar em realidade acabada.

Respeitando esta Ordem, o Homem se respeita na sua dignidade original. E assim responde, feliz, no exercício da bondade de que é capaz, à Bondade infinita que lhe deu o ser e o ama.

Padre Carlos

Livros de Pai Américo

Em momentos propícios, o nosso Padre Carlos, em Setúbal, tem-se ocupado, também — como já referiu — na revisão de provas de livros de Pai Américo, já esgotados.

O 2.º volume do **Pão dos Pobres** — 4.ª edição — entrou no prelo, melhor, na **offset**. Será, depois, a 3.ª edição do 3.º volume do mesmo título. E por

aí fora, até regularizarmos faltas em **stock**.

Na realidade, ainda que a gente nem sempre se refira expressamente às obras da nossa Editorial, as requisições são constantes — pelo correio e em qualquer uma das nossas Casas; todas elas cheias de

Cont. na 4.ª pág.

AQUI LISBOA!

«A pobreza mais dura continua a ser sina de grande parte da Humanidade», afirmou o Secretário-Geral da O. N. U. no aniversário desta Organização Internacional. Por sua vez, João Paulo II, na carta que dirigiu ao Director-Geral da FAO, a propósito do «1.º Dia Mundial da Alimentação», diz pensar «especialmente nos cerca de 800 milhões de homens, mulheres e crianças que vivem num estado de pobreza absoluta, e em todas aquelas que subsistem em condições muito precárias para garantir o pão de amanhã».

Não sabemos, como vão as coisas à nossa volta, se nos apercebemos desta realidade nua e crua: há gente que morre de fome e muitos dos nossos irmãos, porventura no mesmo prédio em que habitamos, carecem de uma alimentação adequada, umas vezes por ignorância ou desmazelo e outras por falta de recursos. Refestelados, arrotando e batendo na barriga, não temos sequer tempo para nos deixarmos sensibilizar por temáticas deste tipo, quanto mais fazer algo de concreto pelos nossos irmãos esfomeados ou subnutridos. São coisas de um mundo diferente do nosso!

É preciso proclamar de novo,

como diz o Sumo Pontífice, «a necessidade de reconhecer e de garantir concretamente a cada homem o exercício do seu direito fundamental de se alimentar», a que corresponde o dever individual e colectivo, nacional e internacional, de uma acção perseverante e programada para garantir as condições da suficiência alimentar nas várias regiões do planeta.

Não é preciso ir ao chamado terceiro-mundo para apalpar as situações de reconhecida subalimentação. Viajando pelo País, de norte a sul, percorrendo os mais variados lugares e terras, sobretudo nos grandes centros, fácil é topar com gente enfezada ou esquelética, com ar anémico e doentio, sobretudo crianças. Os Rapazes que nos têm chegado são exemplos flagrantes do que escrevemos, para lá doutros aspectos, não menos candentes, como os relativos a um baixo nível sanitário e higiénico, tudo concorrente para uma debilidade geral, de consequências, não raro, irreversíveis.

Não basta ter de comer para se processar uma alimentação equilibrada e salutar. Há, pois, que realizar duas acções concomitantes: educar as pessoas a saber como se alimentar e

criar condições de vida para que os alimentos sejam acessíveis às suas bolsas. Ambos os aspectos são fundamentais.

Cinquenta por cento das crianças dos países subdesenvolvidos, afirma-se, são subalimentadas. E essa subalimentação começa logo no seio materno. Daí que os cuidados ante e post-maternais sejam indispensáveis, por condicionarem, logo à partida, o futuro dos novos seres, não só de baixo do ponto de vista físico como do mental. Aos 5 anos, quando não antes, notam-se já graves atrasos.

Um mínimo de calorias (originárias sobretudo dos hidratos de carbono), mais as proteínas indispensáveis e as vitaminas requeridas em todo o processo nutritivo, faltam no regime alimentar comum. O pão e os farináceos, em geral, fornecem parte das primeiras; as segundas, porém, são quase inacessíveis à maioria das gentes, que a carne e o peixe estão por preços incompatíveis para grande parte da população; a fruta e certos vegetais, ricos em vitaminas ou em outros elementos, segundo a espécie, também não estão ao alcance do grosso da população. Já não falamos no leite, cujo consumo «per capita» nos coloca também na cauda dos países europeus, mas que constitui um alimento precioso, sobretudo, nas primeiras idades, na velhice e na doença.

Um povo subnutrido será sempre incapaz de afirmar todas as suas potencialidades. O espírito de sacrifício, a luta pela sobrevivência e a força de vontade poderão fazer algo, mas não basta. Muitos ficam pelo caminho e não é por acaso, infelizmente, que a esperança de vida e a mortalidade infantil nos colocam nos primeiros lugares da escala entre os países europeus. As deficiências mentais e os atrasos psíquicos, como a experiência das nossas Casas afirma, têm o seu fundamento essencial numa alimentação fortemente carenciada, numa falta de cuidados médicos adequados e numa ausência de higiene atroz, sem esquecer o factor álcool e uma ignorância aterradora, mesmo em sectores sociais mais favorecidos de baixo do ponto de vista material. Não esqueçamos, por exemplo, que certas infecções estomacais e intestinais, para já não falarmos na tuberculose e na malária, onde elas ainda grassam com intensidade, bem como as lombrigas e outros parasitas, são factores condicionantes do desenvolvimento e levam, com frequência, a graves estados de inanição. E não olvidemos também os dentes, pois, uma boca bem tratada é absolutamente indispensável, em todas as idades, mas sobretudo nas primeiras, para uma saúde capaz.

Conscientes das nossas responsabilidades, com as mãos na massa, como é uso dizer-se, aqui deixamos algumas notas sobre o problema da fome e de outros afins. Mais não pretendemos que comungar com

todos de algo que é real e a todos diz respeito. Aos governantes e políticos deste País só pedimos que assumam em pleno os seus deveres e pretendam apenas servir.

● Temos falta de Senhoras que queiram dar-se totalmente aos nossos Rapazes. É uma questão primacial que importa equacionar e resolver. Será que este Mundo, tão frio e egoísta, não gera no seu seio algumas almas abnegadas, dispostas ao

sacrifício e à renúncia, no esquecimento de si próprios, sem buscar honras ou dignidade, à maneira terrena, mas dispostas a servir a Deus nas pessoas dos Irmãos mais pequeninos? Não acreditamos.

● Diz-nos o João, «Director-Geral da Sapataria», que há falta de ténis para os estudantes e de calçado em geral. Aqui fica o aviso.

Padre Luiz

TRIBUNA DE COIMBRA

Estou a escrever diante do altar do Senhor. Quero escrever «como quem reza» no dizer e desejo de Pai Américo. Eu creio, Senhor, que estás aí realmente presente. Não falas. És o grande Silencioso. Se fosses a falar tinhas tantas, tantas coisas a dizer-nos!... Prefere ficar silencioso para Te identificares melhor com aqueles que não têm voz.

Mas os Teus amigos e todos os de boa vontade têm obrigação de ser a Tua voz e a voz dos Teus irmãos que não se fazem ouvir.

Eu quero falar por Ti e por eles, Senhor.

Tenho ainda no coração aquele fim de tarde, de ontem. Na hora que faltava para chegar o comboio fui dar uma volta pelos arredores e pelo acampamento da família cigana. Fiquei na estrada a olhar. Só lá entrei uma vez. Parece que tenho medo de lá entrar. Não sei se é medo se é covardia! E quase todos os outros homens são assim. «É mais fácil botá-los ao desprezo» — disse-me, ainda há dias, o padre Francisco, que muito Te ama e que muito ama.

Ontem, o fim da tarde era de sol. Um rapaz novo com um grande molho de lenha às costas atirou o molho ao chão; tirou a camisa, sacudi-a e tornou a vesti-la; barba por fazer e cabelo em desalinho; pôs lenha na fogueira que se apagava e soprou a atear o lume; tirou o testo da panela e tornou a pô-lo; ficou a olhar a fogueira e a panela.

Perto da entrada duas rapariguinhas batiam roupa suja em água suja e uma outra, à porta, ralhava muito com elas. Um pequeno de 8 a 9 anos, só com calcitas vestidas, brincava com uma bola velha e, de vez em quando, dava uma puxada no cigarro que trazia entre os dedos; logo perto um pequenito nu olhava para a bola. A um canto do terreiro estava uma mulher nova, sentada no chão e com crianças à volta, a cortar couves para um alguidar. Por detrás das barracas estavam muitos grupos sentados à volta de muitas fogueiras.

Uma mulher pegava num pequenito pela mão e dava-lhe umas boas palmadas. Um dos pais mais velhos chamava as pombas com um assobio maravilhoso e elas vinham à sua mão estendida com grãos de milho. Um rapaz novo, com grandes barbas, estava sentado. Pelo terreiro estavam espalhadas muitas fogueiras com panelas em cima. Ao lado, um monte de estrume, pois os cavalos também lhes são precisos. Eles varrem, eles lavam, eles lutam. Mas...

«Pobres de pobres — são pobrezinhos!

Almas sem lares, aves sem ninhos.

Andam em bandos, em alcaiteias

«Pelos cidades, pelas aldeias.» Foi só uma família cigana que, há anos, ali acampou. Desta família nasceram muitas famílias. Hoje é um acampamento. Amigos construíram ali uma sala provisória e vão dar-lhes Escola. A sociedade instalada pouco se tem ralado. Continuam bastante abandonados. Eles são zaragateiros, são violentos, são desconfiados. Sentem-se marginalizados.

Recordo, Senhor, aquela conversa no comboio de Lisboa a Coimbra. Uma avó ameaçava a neta irrequieta que ia levar aos ciganos. Ela disse assim, várias vezes, à menina. A certa altura eu, sentado ao lado, disse-lhe que não atemorizasse a menina com os ciganos: — Os ciganos são pessoas como nós. Nós é que os fazemos desconfiados pela nossa desconfiança.

À saída, aquela avó disse que me tinha «reconhecido padre por o senhor falar bem dos ciganos».

Senhor, eu Te entrego os irmãos ciganos de todo o mundo. Peço-te que a minha voz se faça ouvir no coração de todos os crentes e no coração de todos os de boa vontade para que o nosso medo e a nossa desconfiança e o medo e a desconfiança deles se convertam em amor e todos nos sintamos Teus irmãos, todos filhos do mesmo Pai do Céu.

Padre Horácio

Livros de Pai Américo

Cont. da 3.ª pág.

Fogo! Ora vejam este cartão, de Lisboa:

«Sou assinante do «Famoso» já há muitos anos. Tenho recebido da vossa Editorial todos os livros. Acho que me têm feito muito bem. Mas o Doutrina de Pai Américo tocou-me na minha sensibilidade de médico.

(...) Sou somente um filho de Deus e não tenho nome a proclamar...»

Outra vez a rainha do Tejo — na palavra de Pai Américo: «Peço o favor de me enviarem três livros: o Calvário e os três volumes do Doutrina. Como tenho emprestado os meus e as pessoas perguntam: — «Isto é verdade?!», «Isto existe por cá?!», «Pode haver tanta desgraça?!» — ficam muito sensibilizadas e, para poderem ter o livro à mão, quero oferecer-lhes um de cada.

Que o Senhor, com Sua divina Graça, demova os nossos corações endurecidos para sentirmos muita caridade e amor pelo Próximo — nosso Irmão.

Agradeço me digam o custo das obras, pois o valor moral que encerram não tem valor material. A sua leitura comove...»

Agora, é a capital do Norte: «Junto cheque que se destina à assinatura de O GAIATO — catequisador de almas.

Sou agente comercial. Trabalho o País inteiro. E, assim como vendo os meus artigos, também espalho o vosso jornal,

bem como a Doutrina que, através dele, nos chama à realidade cristã: «Amemo-nos (e ajudemo-nos) uns aos outros assim como Ele nos amou».

Para me sentir completado, agradeço me enviem, pelo processo que melhor entenderem, os volumes Doutrina, de Pai Américo.»

Esta amostra de correspondência — de todos os dias — diz bem quanto os livros de Pai Américo — quase sem lugar nas livrarias do País...! — são manancial de diálogo permanente, d'almas abertas que seguram o Mundo.

Vem lá o Natal e já por cá se notam mais requisições, ora destinadas — na maioria — ao sapatinho de amigos dos nossos leitores, como prenda de época muito oportuna!

A título de curiosidade, e porque temos sempre leitores novos e eventuais, além de vasta gama deles permanentes, aí vão os livros que podemos dispor — da autoria de Pai Américo: Pão dos Pobres (1.º volume), Obra da Rua, Isto é a Casa do Gaiato (1.º e 2.º volumes), O Barredo, Ovo de Colombo, Viagens e Doutrina (1.º, 2.º e 3.º volumes). Ainda mais O Calvário, de Padre Baptista; e O Lodo e as Estrelas, de Padre Telmo.

Quem estiver interessado, poderá dirigir-se à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel, ou a qualquer uma das nossas Casas do Gaiato.

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa